

UMA ANÁLISE DA MINISSÉRIE “MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA” E O RESSENTIMENTO DO OPRIMIDO

JULLIANA BEATRIZ TRIBESSE PATRÍCIO DARGEL¹
NATANIEL DOS SANTOS GOMES²

RESUMO

Desde os mais antigos registros sobre a história da humanidade se tem noção de que os homens têm posição de poder prevalecendo sobre as mulheres. Tanto que eles já as proibiram de estudar, ler, participar de assuntos políticos ou até mesmo de praticar qualquer ação que pudesse estimular minimamente o pensamento crítico delas. Assim, foi construída a imagem feminina em uma sociedade patriarcal. Atualmente, as mulheres conquistaram muitos direitos ao redor do mundo se for feita uma comparação com o decurso da história, porém ainda há uma grande diferença entre a realidade feminina e masculina. Nesse sentido, o considerado sexo frágil continua ainda na luta por questões humanitárias mínimas nas diferentes esferas da vida, causando, assim, uma grande revolta e indignação das mulheres de diferentes segmentos sociais. Partindo dessa ideia de revolta feminina, este trabalho tem objetivo de analisar a minissérie Mulher-Maravilha – Terra Morta, de Daniel Warren Johnson e Mike Spicer, por um olhar social e feminista para identificar o ressentimento do oprimido para com o mundo que lhe oprimiu a partir da linguagem verbal e não verbal do texto, procurando indícios e respostas para o questionamento principal da pesquisa. Neste trabalho seguiremos a linha de pesquisa da Linguística Aplicada. Considerando-se, que a Linguística Aplicada tem como base para análises linguísticas os problemas sociais, econômicos e políticos, além de exigir “respostas teóricas que tragam ganhos a

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, jujudargel@gmail.com;

2 Professor Doutor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, nataniel@uems.br

práticas sociais e a seus participantes, no sentido uma melhor qualidade de vida” (ROJO, 2006, p. 258).

Palavras-chave: Linguagem, Mulher-Maravilha, Feminismo, Ressentimento, Linguística Aplicada.

INTRODUÇÃO

Desde os mais antigos registros sobre a história da humanidade se tem noção de que os homens têm posição de poder prevalecendo sobre as mulheres. Tanto que eles já as proibiram de estudar, ler, participar de assuntos políticos ou até mesmo de praticar qualquer ação que pudesse estimular minimamente o pensamento crítico delas. Assim, foi construída a imagem feminina em uma sociedade patriarcal para que as mulheres servissem os maridos, filhos e de que cuidassem apenas de afazeres domésticos, ou seja, as mulheres não podiam discutir assuntos intelectuais, críticos, comerciais, industriais, dentre tantos outros considerados exclusivos do homem.

Dessa forma, no decorrer da vida humana, sempre houve mulheres que se insurgiram contra as condições impostas pela sociedade machista e, desse modo, clamaram por liberdade. A título de exemplificação, cita-se a Inquisição da Igreja Católica como evento extremamente brutal com toda mulher que desafiasse os princípios e moldes da Igreja de como o sexo feminino deveria se comportar.

Atualmente, as mulheres conquistaram muitos direitos ao redor do mundo se for feita uma comparação com o decurso da história, porém, ainda há uma grande diferença entre a realidade feminina e masculina. Nesse sentido, o considerado sexo frágil continua ainda na luta por questões humanitárias mínimas nas diferentes esferas da vida, causando, assim, uma grande revolta e indignação das mulheres de diferentes segmentos sociais como se pôde observar, por exemplo, em acontecimento contemporâneo, divulgado em diferentes mídias, no Irã porque uma jovem não estava trajada “adequadamente”, conforme normas islâmicas desse País.

Uma das primeiras mulheres iranianas a se levantar contra o uso do hijab, em 2018, Maryam Shariatmadari, 37 anos, foi presa e torturada, antes de fugir para o Canadá. Em entrevista ao Correio, a ativista explicou que, sob a sharia (lei islâmica), as mulheres são legalmente obrigadas a cobrir o cabelo e o pescoço, quando estiverem em público. “A remoção do hijab é um ato de desobediência civil pacífica contra uma lei injusta que viola direitos humanos básicos e a dignidade das mulheres”, comentou. “As iranianas apenas querem o direito básico de escolherem.

Elas estão sendo mortas por aqueles que se chamam policiais. Precisamos de ajuda.” (CRAVEIRO, 2022)

As mulheres iranianas se revoltaram e organizaram protestos em diversas localidades do Irã por intermédio da tirada do hijab, lenço que cobre os cabelos. Haverá uma jihad e punirão com a morte todas as participantes dos manifestos?

Partindo dessa ideia de revolta feminina, este trabalho tem objetivo de analisar a minissérie *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, de Daniel Warren Johnson e Mike Spicer, por um olhar social e feminista para identificar o ressentimento do oprimido para com o mundo que lhe oprimiu a partir da linguagem verbal e não verbal do texto, procurando indícios e respostas para o questionamento principal da pesquisa.

Uma heroína criada apenas por mulheres (amazonas) em uma ilha sem homens (Themyscira/Ilha Paraíso). Quando vai ao “mundo dos homens” não entende o motivo de quererem lhe colocar em um local de inferioridade. Além disso, a personagem tem discurso e postura a frente de seu tempo, defendendo sua liberdade e se fazendo presente em ambientes totalmente masculinos. Essas características fizeram com que muitas mulheres se identificassem e também se inspirassem na personagem.

Na minissérie *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, Diana desperta de um sono de séculos, em uma Terra devastada. Ela tentará descobrir o que aconteceu com o mundo que deveria ter protegido. Após alguns conflitos, a heroína se torna a líder da cidade de sobreviventes que vão lhe contando o que sabem sobre a guerra e a grande explosão. O plano é levar todos para Themyscira, que ela pensa estar segura. Chegando lá, depara-se com amazonas transformadas em monstros (Haedras).

Em sua terra natal, Diana descobre que houve uma guerra entre os homens e as amazonas. Os seres humanos lançaram bombas na Ilha Paraíso, Hipólita mandou sua filha para salvá-las, tirando seus braceletes para seus poderes estarem sem o controle do acessório. Mas infelizmente uma atingiu a ilha, acabando com tudo e as cinzas radioativas causando mutações nas guerreiras. Ao perceber que não salvara suas irmãs, Diana se revolta contra os homens, descontando sua raiva em Superman e depois na Terra, matando Clark e destruindo o mundo.

Ao descobrir sobre o que fez, Mulher-Maravilha se vê em uma grande decisão: defender os homens ou lutar ao lado de suas irmãs amazonas?

Pensando na revolta das amazonas e de Diana, esta pesquisa tem como objetivo analisar a história escrita e desenhada, ou seja, o verbal e o não verbal, para expor e compreender o ressentimento carregado pelas amazonas por muito tempo em relação ao sexo masculino. Assim, confirmando que as ações praticadas por elas são uma reação a opressão sofrida durante séculos vinda de homens e deuses.

Para tanto, a pesquisa está sendo conduzida pela metodologia utilizada pelas áreas que sustentam estudos de Histórias em Quadrinhos e fundamentos teóricos ligados à Semiótica da Cultura, História Cultura e Linguística Aplicada. Além disso, será seguido o norte dos trabalhos publicados e orientados por Gomes.

METODOLOGIA

Neste trabalho foi feita uma abordagem bibliográfica e foi analisada a minissérie da Mulher-Maravilha, *Terra Morta*. Para tanto, foi coletado investigado de forma analítica as imagens dos textos para servir, embasado em teorias linguísticas e feministas, de comprovação para os argumentos da pesquisadora. Para melhor nos apoiar, foi utilizado a internet com vídeos, artigos e outras pesquisas do gênero.

REFERENCIAL TEÓRICO

O feminismo é muitas vezes, no senso comum, confundido como o oposto do machismo ou um movimento anti-homem, mas, de acordo com Hooks (2018, p. 17), “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”, ou seja, o movimento feminista não é uma luta contra o sexo masculino, mas sim uma tentativa de livrar mulheres, inclusive homens, de pensamentos de opressão que fere todos os gêneros existentes.

No movimento feminista, há várias vertentes com propósitos semelhantes e diferentes ao mesmo tempo. A proposta desta pesquisa objetiva aprofundar nessa questão, relacionando, para tanto, às HQs da Mulher Maravilha com ênfase no contraponto *Terra Morta*. Para que essa relação entre feminismo e HQ aconteça, será feita uma

análise com embasamento em teorias linguísticas sobre o verbal e o não verbal.

Em primeiro lugar, nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. (VERGUEIRO, 2020, p. 31)

As histórias em quadrinhos têm uma estrutura que é uma combinação de elementos visuais e textuais que contam uma história. O texto não será uma mera informação, mas auxiliará na construção de sentidos e significados junto a imagem e a história.

As imagens de quadrinhos com frequência, trazem elementos pictóricos que desempenham funções de inúmeros códigos diferente de uma vez e ao mesmo tempo. Esses elementos trarão significado simultaneamente e de múltiplas maneiras. Isto é, a referência ao texto escrito (verbal) dos balões com os elementos visuais (não verbal) no que tange os recursos gráficos, as cores, os requadros na (re) elaboração de sentidos da narrativa híbrida (POSTEMA, 2018, p. 32).

Ou seja, as HQs fazem o uso de imagens, escrita, onomatopeias, entre outros elementos de comunicação, para poderem transmitir uma determinada mensagem ao leitor.

(...), os quadrinhos usam de forma predominante o elemento visual para comunicar ou representar algo, mas não deixam de lado a representação sonora por meio da escrita, um código que busca retratar os sons da natureza ou mesmo a fala humana, por meio das onomatopeias. (GOMES, 2021, p. 35).

Neste trabalho seguimos a linha de pesquisa da Linguística Aplicada, que hoje é vista

[...] como articuladora de muitos domínios do saber, em diálogos constantes com vários campos do conhecimento que têm preocupação com a linguagem. Tendo em vista

que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha o papel instrumental na construção dos contextos sociais, nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de origem educacional, social, política e até econômica (CELANI, 2000, p. 19-20).

Desde seu surgimento, a LA procura ter olhares diferenciados sobre a sociedade e linguagem no geral como uma maneira de poder analisar e tentar solucionar problemas encontrados decorrentes de análises e aplicações que questões de comunicação. Dessa forma, a fonte de pesquisa da LA são os problemas encontrados linguisticamente no cotidiano humano, conforme explicitam Menezes et al:

A LA não nasceu como aplicação da linguística, mas como uma perspectiva indutiva, isto é, uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada. (MENEZES et al, 2009, p. 3)

Considerando-se, nesse sentido, que a Linguística Aplicada tem como base para análises linguísticas os problemas sociais, econômicos e políticos, além de exigir “respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido uma melhor qualidade de vida” (ROJO, 2006, p. 258), a LA auxilia no decorrer de uma pesquisa e sobretudo a execução desta pesquisa já que se propõe analisar a reação a uma prática social causada pela opressão econômica e política feminina.

Por ter como base a problemática anteriormente citada, busca-se subsídios da Linguística Aplicada no trabalho por considerar que a LA dialoga com diversas áreas do conhecimento, já que antes de a linguística ser uma ciência, ela estava ligada a outros estudos como Filosofia, Retórica, Crítica Literária, Lógica, ou seja,

como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos (LOPES, 2009, p. 19).

A Linguística Aplicada também vai contra posições que exercem poder de domínio sobre outras coisas e propõe entender o mundo buscando enfatizar a ideologia, poder, raça, classe e gênero, criando teorias que levam em consideração o escritor e o leitor. Como a luta feminista é carregada de ideologias, a LA será suporte para entendermos o pensamento por trás do que está desenhado ou escrito na minissérie *Terra Morta*.

[...] como articuladora de muitos domínios do saber, em diálogos constantes com vários campos do conhecimento que têm preocupação com a linguagem. Tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha o papel instrumental na construção dos contextos sociais, nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de origem educacional, social e até econômica (CELANI, 2000, p. 19-20).

Entendemos que a linguagem não é fenômeno particular, mas sim construída em um conjunto de pessoas com pensamentos, opiniões, classes e problemas iguais ou diferentes e só fará sentido se houver comunicação e compreensão de ambas as partes.

[...] Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica -- todos os signos não- verbais -- banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 1990, p. 38).

Pensando nisso, podemos compreender que o discurso da minissérie *Terra Morta* é carregado de ressentimento e opressão. Nesse sentido, reforçamos que “Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (BAKHTIN, 2009, p. 30). Ou seja, todo signo é carregado de intencionalidade, princípios, valores, filosofia etc. Ninguém diz/ escreve algo sem ter em pensamento o recado que deseja transmitir, sem uma opinião formada sobre determinado assunto.

Para analisar o discurso de uma história em quadrinhos, não é conveniente ficarmos presos apenas ao que está escrito. Além disso, sabe-se que a Linguística Aplicada pode encaminhar um pesquisador para descobertas em outros campos do conhecimento que, por sua vez, podem responder questionamentos baseados na linguagem do texto, uma vez que:

Há ainda um outro sentido de crítico, de inspiração marxista e com grande influência nas Ciências Humanas e Sociais. Pautada pela preocupação em desvendar fenômenos mascarados por ideologias, tal abordagem crítica busca desvelar a “verdade” de compreensões “distorcidas” da “realidade” (LOPES, FABRICIO, 2019 p. 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Hooks (2018, p. 18), “A sororidade não seria poderosa enquanto mulheres estivessem em guerra, competindo umas com as outras”. Em *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, vemos um exemplo de sororidade quando Diana diz à Barbara que não era necessário o confronto que estava sendo imposto a elas e quando homens tentam ferir sua arqui-inimiga, a heroína a defende e diz que iria ajudá-la, sem ao menos cogitar a ideia de que a outra não faria o mesmo se elas estivessem em posições inversas.



Figura 2: Embate entre Diana e Barbara em Terra Morta



Figura 3: Diana impede que homens firam Barbara.



Figura 4: Diana oferece ajuda.

Por muitas vezes as mulheres têm aguçada uma necessidade de disputar entre si para serem validadas, vistas, ouvidas ou para ficarem seguras. Nos exemplos dessas imagens expostas, pudemos ver que Barbara precisa brigar com Diana para que não a machuquem e vê no embate uma forma de sobrevivência em um mundo que não é favorável a ela. Fora dos quadrinhos, podemos observar que muitas pessoas do sexo feminino acabam entrando em situações contra o próprio

gênero por falta de escolha ou informações e, assim, acabam reproduzindo um discurso vindo predominantemente de homens.

Sobre essa ideia, Hooks (2018, p. 23) afirma:

Quando mulheres se organizaram pela primeira vez em grupos para juntas conversar sobre questões relacionadas ao sexismo e à dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto os homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado.

Considerada por muitos como leitura para criança, as histórias em quadrinhos trazem uma carga cognitiva muito grande que não é adequadamente considerada ainda no mundo acadêmico. Ao ler uma HQ, o leitor precisa, necessariamente, compreender o que se diz e o que não se diz, ou seja, espera-se que ele entenda, a partir de imagens ou onomatopeias, algo que o autor não escreveu.

As histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual (EISNER, 2010, p. 2).



Figura 5: Diana pegando Kryptonita.

Nessa imagem, espera-se o entendimento do leitor de que o vidro ao fundo não está sendo mostrado sem motivos e que, além disso, perceba o olhar de Diana para o vidro, acionando conhecimentos prévios do leitor para relacionar aquelas pedras verdes à Kryptonita, ponto fraco do Superman. No quadrinho a seguir, é apresentado uma onomatopeia em que o leitor precisa interpretar como o barulho de um vidro sendo quebrado. O receptor dessas imagens não recebeu nenhuma informação além das imagens, pois o texto não verbal deu subsídios para estabelecer uma leitura.

Trazemos um exemplo de construção de imagem em que é perceptível que a construção não é sem intenção. Vemos quatro homens decidindo enviar bombas à uma ilha que só tem mulheres. Seres do sexo masculino estão decidindo o futuro de milhares de amazonas com a justificativa de estarem se precavendo de uma possível represália vinda delas. Além disso, podemos ver a letra k em forma crescente na parede. No mundo digital, como se sabe bem, essa letra representa

uma forma de risada. Assim, podemos interpretar que a decisão tomada não está livre de maldade, pelo contrário, está carregada dela.



Figura 6: Homens decidem bombardear a Ilha Paraíso

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é uma pesquisa ainda em andamento, mas que com os resultados trazidos neste recorte nos indica que toda a construção de uma história em quadrinhos é pensada nos mínimos detalhes para que se passe uma mensagem que será entendida pelo leitor sem que precise estar totalmente explícita.

Como vimos nas análises apresentadas anteriormente, na minissérie *Mulher-Maravilha – Terra Morta* encontramos por intermédio de teorias sobre o verbal e não verbal um texto que comprova a opressão vivenciada pelas mulheres, apresentadas durante a história, vindas de homens. Podemos compreender também, que estas violências geram um sentimento de ressentimento, ou seja, causa decepção, ódio e medo, sentimentos que causarão uma revolta dos oprimidos.

Além disso, embasados de teorias feministas, é possível comprovar que estes abusos acontecem em nossa sociedade dia após dia. Percebemos que a minissérie retrata uma realidade resultado de uma sociedade patriarcal que oprime o sexo feminino para não perder o poder que tem sobre ele e sobre o mundo, como podemos ver na figura número 6 que é um exemplo de atitude masculina tomando decisões em prol de não perder seus poderes.

É indiscutível que por meio da Linguística Aplicada e seu olhar para as questões sociais junto com o estudo sobre linguagens verbais e não verbais, foi possível demonstrar como a ação do opressor causará uma onda de revoltas do oprimido.

REFERÊNCIAS

BARBA, Pan Montserrat. **O que é feminismo?** p. 1 - 2. Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf> Acesso em: 24 set. 2022.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1990.

CELANI, M. A. A.. A relevância da Linguística Aplicada na formação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. P. M. **Aspectos da Linguística Aplicada.** Florianópolis: Insular, 2000.

CRAVEIRO, Rodrigo. **Mulheres se revoltam e queimam hijab em protesto após morte de jovem no Irã.** Correio Braziliense, 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/09/5038718-mulheres-se-revoltam-e-queimam-hijab-em-protesto-apos-morte-de-jovem-no-ira.html>> Acesso em: 27 set, 2022.

DINI, Paul; ROSS, Alex. **Mulher-Maravilha** - Espírito e Verdade. São Paulo: Abril, 2002.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial:** princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução de Luís Carlos Borges. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GOMES, Nataniel dos Santos. Quadrinhos: uma aproximação apreciativa. **Anais dos Seminários Internacionais de Estudos de Linguagens e das Semanas de Letras - FAALC/UFMS**, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, n. 3, p. 31-37, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/SIEL> > Acesso em: 24 set. 2022.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

JOHNSON, Daniel Warren; SPICER, Mike. **Mulher-Maravilha** – Terra Morta. Barueri, São Paulo: Panini Comics, 2021.

LOPES, Luiz Paulo da Moita; FABRICIO, Branca Falabella. **Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada**. São Paulo, p. 1-13, 2019, ed 4. São Paulo: Calidoscópio.

MENEZES, V.; SILVA, M.M.; GOMES, I.F.; Sessenta anos da linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MOITALOPES, Luiz Paulo da; Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009

PINTO, Céli Regina Jardim Pinto. **Feminismo, História e Poder**, p.15-22. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNCsBf5r/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em: 24 set. 2022.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Tradução: Gisele Rosa, São Paulo: Peirópolis, 2018.

SCHRUPP, Antje. **Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano**. São Paulo: Blucher, 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro; A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 7-29